

DOCUMENTAÇÃO

Bibliotecas Históricas - Novo Gênero(1)

WILLIAM JEROME WILSON

Chefe da Divisão de História da Medicina (Biblioteca Médica do Exército)

Versão, devidamente autorizada, feita pelo Prof. *Sylvio do Valle Amaral*, de um folheto editado pela "American Library Association", Chicago, Illinois, E.U.A., onde se lia "Reprinted from *College and Research Libraries*, January 1950".

O ESTUDO dos princípios básicos das bibliotecas históricas bem poderia começar com uma definição de termos — o assunto parece de suficiente importância para justificá-la. Acontece, entretanto, que "biblioteca histórica" é incômoda expressão. Torna-se mais fácil descrever ações do que definir com vocábulos os princípios daquela, mais rapidamente entendidos com exemplos ilustrativos do que com afirmativas teóricas. Ninguém se incomodará, portanto, se essa discussão, à medida que prossegue, mostrar, sob certos aspectos, características de misteriosa peça medieval, na qual a trama se desenvolve em linhas extensas e simples, cujos raros personagens tendam a transformar-se em pessoas, livremente entremeados a ação e o argumento.

Em lugar de uma definição, comecemos com fato óbvio, isto é: toda a biblioteca sobre o assunto ou assuntos, após existir durante considerável número de anos, tornou-se histórica, pelo menos parcialmente, e quanto mais durar, mais se revestirá dessa côr. A razão é simples. Cada assunto que os seres humanos estudam faz avanços progressivos; os livros, que eram de interesse prático corrente à passada geração, são meramente históricos hoje. Tal processo é algumas vezes rápido, outras, vagaroso. Quando mais depressa avança o conhecimento e mais longe vai, mais rapidamente os livros, que o contêm, se tornam obsoletos.

Notável exemplo desse processo ocorreu durante o fastígio do século XVIII. Anteriormente houve duas ciências fascinantes — na atualidade chamamos-lhes pseudociências — acreditadas por grande maioria. Uma, a astrologia que, aparentemente, se originou na Babilônia, muitos séculos antes da era cristã. Outra, a alquimia, parece ter-

se originado na China, exatamente àquela época. Por toda a Idade Média e na Renascença, ambas eram parte da doutrina científica aceita. Provocaram com regularidade algum ceticismo e dissentimento; de quando em vez papa ou imperador tentavam excomungar uma ou outra. Não obstante, durante séculos, as pessoas mais eruditas acreditavam pudesse o futuro ser predito pelas estrelas e haver métodos secretos que transformavam metais básicos em prata ou em ouro. Para se certificar, o astrólogo várias vezes escorregou em suas predições e o ouro do alquimista, em muitas oportunidades, falhou na resistência aos testes de ensaio; mas havia o sucesso aparente, bastante para sustentar as duas crenças vivas. O povo, como sempre, lembrava os sucessos e esquecia os fracassos.

E agora surge histórica mudança. Durante o século XVIII, com a espetacular ascensão da astronomia e o desenvolvimento da química experimental, as "ciências" mais velhas ficaram desacreditadas. Isso não ocorreu da noite para o dia, mas num período de tempo relativamente curto. E o que, podemos perguntar, aconteceu então aos livros e manuscritos de astrologia e alquimia? As centenas foram excluídos das bibliotecas como rebotalho: subiram para os sótãos ou desceram aos porões, onde receberam poeira durante um século.

Este não é, absolutamente, o término da história; fôsse, não haveria razão de contá-la aqui. Próximo ao fim do século XIX os historiadores começaram a imaginar no que repousaria atrás das novas ciências, a astronomia e a química. Era óbvio: as origens estavam ainda para ser investigadas em trabalhos mais antigos da astrologia e da alquimia, que os estudantes começaram a arrancar de sótãos e porões para examinar. Centenas de exemplares, mesmo após a descoberta da tipografia, ainda estavam manuscritos. Outros tantos impressos. Grande parte pertencia a bibliotecas públicas ou universitárias, embora boa quantidade estivesse em mãos particulares. Para aqueles, pertinentes a bibliotecas de instituições, vários catálogos especiais foram elaborados. Uma série que abrangia manuscritos astrológicos gregos de todas as bibliotecas européias, apareceu pela primeira

(1) Dirigido aos Amigos da Biblioteca, "Baldwin-Wallace College", 19 de junho, 1949.

vez em 1898 e se desdobrava numa dúzia de volumes, mais ou menos. (2) Catálogo semelhante para os manuscritos sobre alquimia grega alcançou oito volumes. (3) A catalogação dos manuscritos latinos acaba de ser bem iniciada, mas já está provando com o tempo ser tarefa superior. (4)

O renovado interesse, quanto a esses registros, convém dizer-se, era puramente histórico. Não havia revivificação da astrologia e alquimia em benefício delas próprias. Os historiadores não consultavam os livros antigos para traçar horóscopos ou produzir duas onças de ouro onde uma existira. Procuravam compreender o pensamento das gerações mais antigas, bosquejar o respectivo desenvolvimento de época a época e avaliar cada etapa, só pelo que ela teve, ou não, de valor. A atitude intelectual para as chamadas ciências ocultas jamais foi suficientemente externada do que por Bouché-Leclercq, brilhante historiador da astrologia grega, o qual encerrou o prefácio da sua obra *L'Astrologie Grecque* esperançoso de que não pudesse parecer esbanjado tempo em investigações sobre as quais outros homens já o tinham perdido.

Estes desenvolvimentos no mundo erudito tiveram consequência muito prática. Apresentaram oportunidade para o tráfico de obras raras. Comerciantes, ao perceberem renovado interesse em tais assuntos, principiaram a comprar livros e manuscritos sobre alquimia e astrologia, incluídos nos catálogos de vendas. Muitos dos volumes tinham ilustrações admiráveis, tábuas astrológicas trabalhosas, ou gráficos de fornos, alambiques e outros aparelhos de alquimia. Isso, naturalmente, invocava a fantasia dos colecionadores de trabalhos; os preços subiam aos poucos até alguns dos melhores títulos, em especial quanto a manuscritos ilustrados a cores, que davam várias centenas de dólares cada, no mercado. Há um século era difícil a alguém deles se livrar.

Essa história, tipo "Gata borralheira" (quase sempre a chamo de parábola, mas é verdadeira) ilustra muitos dos princípios, que parecem governar as bibliotecas históricas. O primeiro e o mais axiomático é que tais instituições dependem de historiadores. Quase ao término do século XVIII e no início do XIX, não havia interessados em astrologia ou alquimia, nem, durante esse tempo, bibliotecas históricas que tratassem de tais assuntos. Somente pilhas imprestáveis nos sótãos, porões, depósitos, onde os livros originários sobre tais assuntos haviam sido abandonados. Os inúteis montes não constituíam, absolutamente, bibliotecas.

Só após os eruditos se interessarem nos assuntos e as bibliotecárias começarem a examinar, catalogar e classificar os materiais básicos, é que os bolorentos acervos ficaram com aspecto de bibliotecas históricas organizadas sobre alquimia e astrologia.

Este é o fim do prólogo, e três dos nossos atores já fizeram modesta aparição, superficial. Antes que deixem o palco para o principal ato, caracterizemo-los mais estreitamente. Imaginemos, no início, o historiador e funcionário da biblioteca. Cada um deles corresponde a princípio essencial do desenvolvimento daquela. Sem interesse humano ativo no terreno da história, nenhuma biblioteca histórica aí se desenvolverá. Doutro lado, por falta de organização racional, nenhuma pilha de livros tornar-se-á biblioteca usável. Em geral, o interesse no assunto é fornecido pelo historiador e, quanto à organização, graças ao bibliotecário. Ocasionalmente são um e mesmo indivíduo, porém, com maior frequência, pessoas distintas.

E quem apareceu primeiro, o erudito em história ou o bibliotecário dessa especialidade? Isso é como o enigma da galinha e do ovo. E-se, a princípio, tentado a dizer com ingenuidade: "O estudioso em história chegou antes, naturalmente. Ele fornece o interesse em dado setor. Escreve o esboço de história, estimula a discussão pública do assunto e inspira, se possível, um grupo de colegas a prosseguir no trabalho. Após isso, quando o modelo já tiver sido escolhido, o bibliotecário de história recebe a tarefa de organização das obras básicas no terreno".

Não tenha, contudo, pressa demais — não tenha pressa demais! Teriam notado a expressão "obras básicas"? Onde vieram elas? Como é que ainda existem? Oh! Das pilhas imprestáveis. Onde estavam essas? Principalmente nos sótãos, porões e remotos armazéns das bibliotecas. Por que teriam sido guardadas lá, ao invés de queimadas como refugo? Ora, alguns bibliotecários não poderiam, perfeitamente, resolver despojar-se delas? Centenas de livros e manuscritos sobre astrologia e alquimia foram destruídos, é verdade; mas outros tantos conservados em pilhas inúteis, de modo que, após um século ou mais, quando os intelectuais resolveram investigar a história de tais assuntos, alguns trabalhos originais estavam à espera a fim de serem examinados.

Observe nisso uma das principais características do bibliotecário de história. E' poupador natural. Detesta jogar fora registros. Tem intuição de que qualquer dia alguém estará interessado em alguma coisa. A fim de expor o assunto mais elegante e abstratamente, tenta da melhor forma prever os materiais, que futuros historiadores irão ou deverão desenvolver e, até certo ponto, graças aos conjuntos imprestáveis, ele, em parte, provê referidos interesses.

Existia uma velhinha, talvez recordem, que jamais se desfazia das coisas. Após o respectivo falecimento viram entre seus haveres diversos pacotes bem feitos e cuidadosamente rotulados: "Pe-

(2) *Catalogus Codicum Astrologorum Graecorum*, editado por F. Cumont e outros, 1898-1934, 11 volumes, alguns em várias partes.

(3) *Union Académique Internationale, Catalogue des Manuscrits Alchimiques Grecs*, editado por J. Bidez e outros, 1924-1932, 8 volumes.

(4) *Union Académique Internationale, Catalogue des Manuscrits Alchimiques Latins*, 1930, vol. I, editado por J. Bidez e outros.

daços de cordão curtos demais para serem aproveitados". Todo o bom bibliotecário possui algo daquele instinto. Algumas de suas intuições têm conveniência, outras não. Determinadas peças, que ele guarda, são, literalmente, pequenas demais para o uso, que jamais terão. Em outros casos, ocorre o emprêgo: o historiador encontra inesperadas formas de enlaçar tais pedaços e com eles obtém o fio da narrativa. O verdadeiro bibliotecário histórico é um velho e sábio pássaro, espécie de cruzamento entre coruja e pêga, o qual sente algumas vezes que o instinto herdado desta é o mais elementar fator que possui.

Começarão a sentir agora dificuldade no decidir prioridades. Quem veio primeiro: o erudito em história com gosto no assunto e habilidade de nisso interessar os demais, ou o bibliotecário de história com espírito de mealheiro e talento para organização? Não há resposta clara. Em algumas oportunidades, o impulso inicial à formação da biblioteca histórica vem do historiador. Em teoria, dêle partirá, uma vez que proclama publicamente interesse no assunto, antecedente lógico da ação. Na prática, a força básica vem, quase sempre, creio, do bibliotecário, cujo espírito de conservar é uma espécie de interesse geral, não diferenciado em todos os processos do passado e registros a isso pertinentes. Neste mundo moderno de especialistas, como alguém observou, o bibliotecário geral é a única pessoa que resta a lembrar o erudito universal em dias pretéritos.

O NEGOCIANTE DE LIVROS RAROS

Dissemos o suficiente quanto aos dois principais atores em nosso dramazinho, historiador e bibliotecário. Entra agora um terceiro e muito importante personagem. Alguns chamá-lo-iam vilão, na peça; mas disso discordo. Fornece um elemento de conflito, de fato, porém, não o é mais do que os dois citados. O referido indivíduo é o negociante de livros raros. Foi, absolutamente, imprescindível para o erguimento das bibliotecas históricas até o atual estado de excelência. Tem encaminhado seus negócios, em geral, nos padrões éticos mais elevados. É, ainda, surpreendentemente generoso na forma de prestar serviços. Caso forem bibliotecários em alguma instituição reconhecida, ou empregados em coleção particular acreditada, o comerciante enviar-lhes-á livro ou manuscrito para exame e, se por qualquer hipótese, não o quiserem, ele o levará de volta. Em seus catálogos de vendas descreve os estoques e se qualquer volume comprado apresentar defeitos não mencionados, fará um ajuste.

Mesmo assim, as descrições que faz, naturalmente, merecem cautela. Ele está no negócio para ganhar dinheiro e seu anúncio, como qualquer outro, destina-se a "movimentar as mercadorias". Todas as informações do respectivo catálogo podem ser verdadeiras literariamente e ainda de tal modo arrançadas, que deixam ao casual leitor exagerada idéia da importância ou da raridade do

trabalho. Quanto a isso, não há recurso legal; a única esperança está na sagacidade, mas ainda na inteligência do cliente. Um comprador experimentado aprende logo a descontar os exageros, também a reconhecer e a estimar o pequeno grupo de negociantes, que, não obstante, erra por subestimativa.

Por vezes se ouvem queixas contra os lucros dos negociantes de livros raros, os quais vão de 100 a 300 por cento e ocasionalmente acima. Na realidade isso não é exorbitante. O movimento é pequeno no comércio de livros raros; não há mercado maciço, mas existem riscos. A percentagem ideal do negócio está nivelada à do restaurante. Um prato de cinquenta centimos, numa cadeia de lojas de comestíveis, custará cerca de um dólar, quando servido numa cantina de escola superior, provavelmente dois dólares num bom restaurante e três ou mesmo quatro num hotel de primeira. Em alimentação, como em livros raros, se desejado o luxo, é preciso pagá-lo. Além disso, só os estabelecimentos de altos preços lidam com as mais selecionadas mercadorias.

Outra reclamação contra o livreiro antiquário é que constantemente explora nossos sentimentos patrióticos ou quaisquer outros. E' verdade; mas nada vejo que se possa fazer contra isso. Nós, os americanos, constituímos povo altamente sentimental e muitíssimo comercial; não há forma possível de conservar as duas coisas separadas. Todo o sentimento profundo e arrebatador é permanente convite à comercialização e, quanto mais intenso, maiores as possibilidades de negócio. Imaginem o que tem sido feito com o *Dia das Mães* neste país — "Considerem e curvem a cabeça!" Recordem ainda o *Dia dos Pais* e como é muito menor o seu sucesso comercial. A caixa registradora tem medido quanto é mais profundo o sentimento relativo às mães do que aos pais e, a tal respeito, não mente.

O negociante de livros raros faz coisa semelhante. Está sempre a estimar os valores sentimentais em termos de dinheiro. Suponhamos apregoe em leilão um manuscrito do *Gettysburg Address*. Pode-se ir a uma livraria adquirir exemplar impresso de tal discurso por alguns centimos. Então por que um bibliófilo cubano, recentemente, pagou \$54.000 por um manuscrito da própria mão de Lincoln? Foi sentimento puro e simples — \$54.000 e respectivo valor. Certamente ninguém supõe que o senhor Cintas o comprou a fim de possuir texto pronto para leitura. O manuscrito, sem dúvida, jaz agora num cofre ou subterrâneo e o comprador já disse querer entregá-lo definitivamente a alguma instituição. Aí provavelmente entrará outra vez numa casa-forte, mas sairá em ocasiões especiais para exibição. Não é texto histórico comum. Constitui peça de museu.

O livreiro antiquário negocia com ambos, peças de museu e textos históricos, porém aprecia mais aquelas, pois atingem preços máximos. De fato, para ele nada melhor do que encontrar texto

histórico e transformá-lo em peça de museu por lhe haver encontrado qualidades raras e extraordinárias ou valor associativo especial.

Uma “primeira edição”, desde que, é natural, o trabalho em si seja importante, automaticamente exige elevado preço. Por isso existem certos tipos especialmente qualificados de primeiras edições. Suponhamos a primeira edição real fôsse em latim, publicada em Londres. Caso aparecesse a “primeira edição em tradução inglesa” valeria um pouco, menos, todavia, que o original latino. Sucede, outrotanto, com uma “primeira edição em tradução espanhola”, ou uma “primeira edição vinda à estampa na Itália”, ou uma “primeira edição inglesa, dada à luz na Holanda”. Fatos dêsse gênero podem ocorrer durante longo tempo e assim tem sido. Ocorre, às vezes, a “primeira tiragem de uma primeira edição” e recente catálogo ainda oferece, com toda a ênfase de grossas maiúsculas, certo trabalho de DARWIN em *Primeiro Estado da Primeira Tiragem da Primeira Edição* (5). Existe também a “primeira edição com frontispício em gravura”, ou “primeira edição com glosas de comentarista”. A Biblioteca do Congresso em seu último relatório anual menciona a aquisição de um exemplar da primeira edição em forma de livro de “The Raven” [“O Corvo”], de Poe, do qual tôdas as edições anteriores tinham aparecido em periódicos. (6)

Muitos livros são importantes devido à respectiva associação com alguns famosos personagens da história. Cêrca de um ano atrás Boies Penrose III, em Filadélfia, mostrou-me um exemplar com encadernação de pelúcia de um *Psalter* [“Saltério”] impresso em 25 de abril, 1544, para Henrique VIII. Aparentemente foi uma edição de exemplar único, ou caso eu tente ser técnico no assunto, o variante do STC 3002, datado de 25 de maio, 1544. O volume foi feito especialmente para o rei, um mês antes da edição principal. À medida que folheava o livro, cheguei aos *Salmos Penitenciais*, aí intitulados “*Psalmes for Forgyness of Synnes*” [“Salmos para o perdão de pecados”], que pareciam apropriados àquele. Olhei para ver se tais páginas tinham sido, particularmente, gastas com o uso, mas não havia sinais disso. De qualquer forma, eis belo exemplo de valor associativo e de primeiro exemplar combinados num só corpo.

O palco agora está arrumado para o clima do drama. Encontramos o nosso bibliotecário histórico continuamente arrastado por duas forças em conflito. São personificadas, respectivamente, pelo

historiador e pelo negociante de livros raros. À direita fica o historiador, a quem o bibliotecário deve profunda e voluntária fidelidade e ao qual está sempre a recorrer para adquirir material adicional de leitura sobre algum assunto ou período — mais, é fato, do que o orçamento permite. À esquerda está o negociante de livros a mostrar, permanentemente, raridades, a preços elevados, é claro, ante os fascinados olhos do bibliotecário.

“Poderá durante um momento olhar isto?” — diz o traficante de modo jeitoso. “Não seria interessante fator colocar-se em vitrina numa convenção anual dos Amigos da Biblioteca? E’ primeira edição, em perfeita ordem e muito razoável a \$3.500. Outro exemplar, onde faltava a folha-de-guarda no fim do livro, aitngiu \$4.375 no leilão de Lorde Humpty Dump há três anos. Exceto aquela e esta cópia, não conheço outra vinda ao mercado neste último meio-século. E não esqueça, o nosso tem a folha-de-guarda ao término”. Se o bibliotecário mostra sinais de endurecer o coração, o negociante pode acrescentar num sussurro “Se chegarmos a uma decisão esta tarde, penso poder descontar 10% no preço”.

Pobre bibliotecário! Lembram-se das palavras de Launcelot Gobbo em *Merchant of Venice* [“O Mercador de Veneza”]. Atormentado pela agonia da indecisão, querendo fugir de seu mestre, mas sabendo que não o devia, exclama :

“Mova-se” — exige o demônio. “Não se mova” — diz minha consciência. “Consciência”, digo, “você aconselha bem”; “Demônio”, digo, “você aconselha bem”.

E’ clássico exemplo de propósitos vários, e penso que podemos imaginar o nosso herói bibliotecário parafraseando o discurso, mais ou menos como isto :

“Compre”, diz o negociante. “Não”, declara o historiador, que acrescenta em tom severo : “O de que esta biblioteca necessita não são raridades porém material de leitura. Recorde-se daqueles 86 volumes de *Abhandlungen*, da Academia de Ciências Prussiana, *Historische-Philosophische Klasse*, que não possuímos e você decidiu no mês passado pela impossibilidade de conseguir? Não teriam custado um têrço disso”.

O conflito de interesses é dramático. Pergunta-se a respeito do material de leitura e o livreiro oferece raridade, enquanto o bibliotecário, com estrito orçamento para novas aquisições, é um anão no meio. Pode experimentar satisfazer aos dois padrões — muitíssimos bibliotecários o têm querido — mas há certeza absoluta: não se pode servir a Deus e ao demônio da cupidez. Certos de aqueles jamais ficaram devidamente esclarecidos, se estavam dirigindo museu de raridades literárias ou repartição intelectual de livros originais, alguns, ao experimentar ambas as coisas, desenvolveram personalidades discordantes, e um dêles, no dia em que teve de repartir o orçamento anual para as aquisições, andava, dizem, com uma margarida na mão, a tirar-lhe pétalas e a murmurar : “Rari-

(5) Expressões curiosas como essas e termos relacionados são fornecidos por Paul S. Dunkin, “The State of the Issue”, *Papers of the Bibliographical Society of America* 42:239-255, 1948.

(6) Conselho em acres palavras, relativas ao valor econômico das primeiras edições, cópias danificadas, etc., é oferecido por Richard Booker, “Basic Non-Stock for Antiquarian Book Shops”, em *Antiquarian Bookman* 4:113-114, de 16 de julho, 1949.

dades! Material de leitura! Raridades! Material de leitura!" Não garanto a história, mas pode ter acontecido.

Eis agora oportunidade para a troca de cena e do tempo. Retornemos à guerra franco-prussiana e ao cerco de Paris no inverno de 1870. Dentro da cidade sitiada um fotógrafo de excepcional habilidade desenvolvera a arte de fazer miniaturas de famosas cenas de Paris. Ele as colocou sobre pedaços de filme presos em dispositivo semelhante a um telescópio, que ampliava as gravuras até a visibilidade. A grande procura fez com que os preços se elevassem.

Seu nome era Prudente René Patrice Dagron. Como progredisse o cerco de Paris, imaginou fotografar páginas com notícias impressas e conduzi-las em tênues filmes, graças a pombos-correio, através das linhas alemãs. A necessidade primordial era obter notícias dentro da cidade originárias do exterior. Assim, carregou equipamento fotográfico em dois balões, chamados "Niepce" e "Daguerre", em homenagem aos dois famosos inventores dos processos fotográficos. Esse foi pôsto abaixo. Aquê, que levava Dagron, um assistente e 600 quilogramas de equipamento passou sobre as linhas alemãs, mas aterrissou de forma desconfortável, próximo a elas. Disfarçados em fazendeiros, que transportavam vinho, os refugiados com a bagagem arranjada para iludir os perseguidores germânicos, após nove dias alcançaram Tours, em parte inocuada da França. De lá, durante todo o inverno, Dagron enviou 115.000 despachos a Paris, graças aos pombos-correio, para dar notícias à cidade.

Terminada a guerra escreveu um livro sobre as respectivas façanhas e a cada exemplar juntou um exemplar do verdadeiro filme usado durante o cerco. (7) Na Biblioteca do Congresso recentemente examinei essa obra e o seu pedaço de película com 79 anos de idade. A relação de redução é grande — cerca de 32 para 1, quase o dobro da costumária hoje em dia. Aquela é antiga, por conseguinte ilegível em nossas modernas máquinas de leitura, porém, com o auxílio de um microscópio de pequeno aumento foi obtida sua ampliação. Essa, não obstante algo borrada, ainda é legível. (8)

Tanto quanto se sabe, eis a primeira vez em que documentos escritos ou impressos foram foto-

gráficamente copiados em microfilmes. Como se divulgou a invenção! Hoje, sabe-se, o microfilme documentário é lugar-comum em toda a esfera dos negócios e no mundo erudito. Os bancos usam-no para registrar cheques. As fábricas, a fim de multiplicar o número de desenhos e plantas. As bibliotecas no dar carga a livros. Também as de pesquisas o empregam para copiar textos de artigos e livros desejados por clientes, fora da cidade. Além disso — eis a importância atual — elas começam a aplicá-lo em cópia de *documentos históricos e livros raros*.

Neste momento soam as trombetas. Um cavaleiro branco aparece montado no alto do monte distante. À medida que se aproxima, observemos, seu vestuário resplandesciente é, de fato, um avental fotográfico. Numa das mãos traz a câmara fotográfica e na outra o aparelho para leitura. Aquilo não é um halo sobre a sua cabeça, mas um rôlo de microfilme. Apressa-se em livrar o nosso herói de esquizofrenia.

Em breve não necessitará o bibliotecário histórico de arrancar pétalas de margarida no dia de repartir o orçamento. Relativamente à necessidade de livros originários, o microfilme o tem de modo apreciável, livrado do monopólio do negociante de livros. Caso sua própria biblioteca não tenha livro raro, de que se necessite, outra é quase certo possuí-lo e estar pronta a permitir filmá-lo, ao custo provável de um ou de dois dólares. Primeiro como é natural, se o trabalho é de todo raro, deve verificar-se que biblioteca possui um exemplo graças aos catálogos coletivos, regionais e nacionais, que se encarregam disso.

Certas pessoas consideram a descoberta da microfilmagem documentária tão grande revolução como a da imprensa. Tenho minhas dúvidas, mas a influência daquela tem sido considerável. Não apenas traz ocasional livro de uma biblioteca de fora da cidade para o intelectual, como torna possível nos campos históricos a espécie de programa de aquisição ora tentado em nossa filial de Cleveland. Lá temos os mais antigos livros da Biblioteca Médica do Exército — publicados em geral, antes do ano 1800. Quanto ao século XV possuímos cerca de 300 separatas de livros médicos básicos. Sabe-se que há, mais ou menos, 850 de tais edições, ao todo. Temos, portanto, cerca de um terço do total e estamos procurando conseguir o resto em microfilme de outras bibliotecas. Tais edições, em geral muito raras, nunca aparecem à venda; aliás, não estaríamos em condições de comprá-las se tal ocorresse. A microfotografia oferece oportunidade única para assegurar a maioria desses textos.

(7) DAGRON, P.R.P., *La Poste par Pigeons Voyageurs...* [Paris] 1870-1871, 24 páginas. Tradução em inglês extremamente pomposa foi publicada também no mesmo ano sob o título: *The Post by Travelling Pigeons*. A Biblioteca do Congresso possui ambas as edições. A de Huntington tem um exemplar em francês.

(8) Realizou-se a ampliação em um pedaço do filme anexado ao exemplar da Biblioteca Huntington e modelos de páginas foram publicados por L. Bendikson, "How Long Will Reproductions on 35-Millimeter Film Last?" no *Library Journal* 60:143-145, 1935. Cada filme possuía 16 páginas, originalmente cerca de 32 centímetros de altu-

ra. Em todas, exceção da primeira página ou capa, havia três colunas estreitas de despachos breves, cerca de 100 linhas por coluna. Cada pedaço de filme media 3x5 centímetros e, 18 desses elementos — Dagron chamou-as "películas" — foram inseridos num cano de pena e juntados à perna do pombo-correio. A carga para cada animal era de, aproximadamente, uma grama.

Em relação ao século XVI há cerca de 4.000 edições sobre medicina em Cleveland. Da Academia de Medicina de New York, pretendemos obter em filmes umas 500 outras, que ela possui e nós não. Da Biblioteca Nacional em Paris esperamos assegurar aproximadamente mais 1.000 filmes. Ainda outros tentaremos conseguir, onde possamos localizá-los. Acabado o serviço dir-lhes-emos quantas edições médicas, do referido século, existem. Nossa conjectura atual é de 10.000 a 12.000. Quando o terminarmos, o século XVII nos está esperando e, após, se houver coragem de atacá-lo, o XVIII. (9)

A medicina não é o único setor no qual a possibilidade de reunir completa coleção histórica agora aparece. Durante uns vinte anos a Biblioteca do Congresso usou microfilmes como instrumento de aquisição e acumulou o total de cerca de 75.000 rolos e tiras. Seu propósito mais importante de tal natureza centralizou-se, nas fontes de história americana, em arquivos e coleções de manuscritos no estrangeiro. Acima de 1.000.000 de exposições desse material foram reunidas até hoje. (10) A Biblioteca do Congresso está também colaborando ativamente na tarefa de filmagem dos antigos registros de vários dos nossos governos estaduais. (11)

Esse tipo de coleção compreensiva, como devem ter suscitado é o que eu tinha em mente ao anunciar o tópico, "Bibliotecas Históricas — Novo Gênero". Graças à microfotografia, agora é possível a pessoa de fato resoluta organizar completa biblioteca histórica sobre determinado assunto. Jamais se obterá absolutamente tudo. Haverá sempre alguns trabalhos com particulares, que não permitem sejam eles copiados. Existem ainda poucas edições das quais não ocorre exemplar sobrevivente. Com essas e outras limitações, pode, entretanto, a biblioteca ficar quase completa —

(9) Em recente número do *Library Quarterly* estou publicando descrição mais completa do que aqui é possível, sobre nosso projeto de microfilmagem médico-histórica.

(10) Estes algarismos são reportados por Dan Lacy, em "Microfilming as a Major Acquisition Tool: Policies, Plans, and Problems", no *Library of Congress Quarterly Journal of Current Acquisitions* 6:8:17, 1949. Seu artigo é uma reconsideração sistemática com finalidade de expandir as normas relativas à aquisição de microfilmes, especialmente para "materiais retrospectivos" que, a miúdo, só é possível obter em microcópia", isto é, quanto a livros raros e documentos de significado histórico.

(11) E' agora conhecido como Projeto de Microfilmagem de Documentos do Estado, terceira etapa do Projeto de Microfilmagem de Jornais Legislativos estreado em 1941 pela Biblioteca do Congresso e pela Universidade da Carolina do Norte. Foi descrito recentemente pelo diretor, William S. Jenkins, em "State Documents Microfilms as Research Sources for Law Libraries", no *Law Library Journal* 16:77-87, 1948. Vide também o projeto *Progress Report* 1947-1948, 31 páginas, mimeografado, que ele assina. As 11 classes sob as quais os materiais são arrumados, descreve-as William S. Jenkins, em "Records of the United States, a Microfilm Compilation", no *Library of Congress Quarterly Journal of Current Acquisition* 6:3-7, 1949. No momento existem uns 1.200 rolos de 100 pés, que representam aproximadamente 3.000.000 de páginas de texto, tanto impressas como manuscritas.

mais ainda do que no passado. Nenhum colecionador, que viveu no século XVII, poderia ter feito a metade tão bem. As comunicações eram então demasiadamente difíceis e não havia grandes listas de obras quando a arte de imprimir desponsava.

O estilo de tal biblioteca é novo sob dois aspectos interessantes. Por outro lado, como já vimos, sonha-se com a perfeição. Encerra, além disso — é inevitável — maior número de exemplares microfilmados do que livros impressos. Ditas características apresentam vantagens e desvantagens.

A superioridade de ser compreensiva é óbvia; uma subsidiária reside no fato de que, quando essa coleção, uma vez reunida, é adequadamente descrita num catálogo ou lista, será desnecessário fazer o trabalho outra vez. Convém esteja o material pronto para o uso dos historiadores desta e das futuras gerações.

Acabamento e finalidade — eis duas grandes vantagens, embora jamais possam ser integralmente obtidas. Contra elas existe o inconveniente de haver parte do conjunto, não em forma de livro, mas de filme. Desse, nenhuma cópia apresenta uso tão perfeito como o próprio livro. Isso em mente, temos adotado na filial de Cleveland a política de continuar a compra de obras verdadeiras, quando existem, remunerando muito mais do que por um exemplar de filme. A decisão de pagar um preço com ágio é baseada em diversos fatores, dos quais o de importância máxima é a presença de ilustrações, especialmente as coloridas. Essas, poucas vezes, se apresentam bem em filmes. Além disso, não gostamos de possuir toda uma tradição literária de certo assunto, apenas em filmes. Quando possível aspiramos obter, sob forma de livro, pelo menos uma edição, de preferência, a primeira.

Do ponto de vista financeiro a película, em alguns casos, apresenta vantagem para o estudante de história. Se as fontes desejáveis estiverem em bibliotecas fora da cidade e lhe puderem ser remetidas, apenas sob forma de cópias em microfilme, ele, geralmente, é solicitado a pagar tal serviço. O custo da cópia de filme obtida de outro, é apenas uma fração do que se pagaria por aquela feita do livro. Essa última requer muito trabalho do operador para virar as páginas. A primeira é realizada mecanicamente por contato, em poucos instantes, com despesa reduzida. (12)

(12) LACY, *op. cit.* n.º 10, discute a questão de preço da "impressão positiva em negativo". Com isso, evidentemente, quis dizer não a impressão positiva, em tamanho real, sobre papel, mas positivos microfotográficos feitos de negativos. Ele sugere cobrar, digamos, um quarto do custo original para se fazer o negativo sempre que um cliente encomendar um microfilme positivo, feito do negativo. A lembrança deve ser combatida. Recomenda também "a aceitação geral do empréstimo interbibliotecário de positivos de microfilmes". Isso já o faz a Biblioteca Médica do Exército.

O memorável experimento de Dagron teve resultados revolucionários, alguns dos quais, é certo, ainda não completamente explorados. Entre outros aspectos torna possível este novo estilo de biblioteca histórica, que por sua vez influencia o trabalho e as interrelações de três importantes profissões, as do historiador, do livreiro-antiquário e do bibliotecário.

Para o historiador traz quase embaraçosa riqueza de base material, que, praticamente, carrega, com o respectivo uso, os acervos bibliotecários do mundo. Tais fontes apenas começam a ter organização, segundo assuntos baseados em novos métodos, mas, uma vez completa, certamente o historiador não demorará a lamentar a falta de elementos materiais adequados. Já em alguns campos têm sido escutados queixumes de superabundância e, às vezes, forçosamente, admite-se que, sob várias formas, a história era mais fácil de escrever, quando havia poucos registros. Teorias mais perfeitas, desembaraçadas de fatos muito inconvenientes, eram então possíveis.

Ao livreiro-antiquário o processo de microcópia, uma novidade, pode parecer que oferece ameaça econômica. Atualmente o perigo ao respectivo monopólio não é grande demais, embora inevitável certa mudança. O ajuste financeiro requerido pelo microfilme é, entretanto, lento e pequeno em comparação ao exigido neste atual ano de graça, pela reabertura dos mercados livrescos continentais. Além disso, indiretamente, o microfilme, por facilitar a pesquisa histórica nas menores universidades e escolas, divulgará o interesse em coisas históricas pelos rincões mais remotos e, definitivamente, estimulará a compra de livros raros em mais extensa área. Certamente, o que o comércio chama de "encalhe", pode, sob a concorrência do filme, tornar-se de venda cada vez mais difícil. E' bom lembrar: nenhuma película jamais pode rivalizar com o chamariz — "primeira edição em perfeitas condições". Literariamente,

neste país, os museus, que parecem destinados a aumentar de número e tamanho, somente podem ter belos livros e não cópias fotográficas. Ainda estou para ver alguém inclinado sobre vitrinas a louvar a beleza e raridade de um rolo de microfilmes.

É, naturalmente, o bibliotecário, que recebe o impacto principal do novo estilo de bibliotecas históricas. A descoberta de Dagron influenciou aquêle sob doze formas diferentes, mas em nenhuma mais fundamentalmente do que ao ajudá-lo a distinguir-lhe as tarefas. São basicamente duas, e não é mero chiste sugerir que clara distinção entre ambas tenha valor quase psiquiátrico para ele. Museu literário, sua instituição precisa ter livros, genuínos, raros e belos. Como acervo de textos históricos para leitura dos intelectuais, poderia, de modo concebível, incluir apenas filmes. Durante séculos êsses dois aspectos da biblioteca histórica têm sido confundidos e interdependentes. Estudiosos viajaram para longínquos países, com grandes despesas, a fim de ler obras e manuscritos não existentes em suas pátrias. Hoje os textos, sob essa forma, estão disponíveis por quase toda a parte. Como peças de museu, entretanto, os livros propriamente ditos não são transportáveis por êsses meios. O respectivo prestígio e valor do texto são agora claramente separados, com nítidos benefícios à paz de espírito do bibliotecário histórico. Ele administra, para fins de pesquisas, não somente verdadeiros livros em sua própria biblioteca, cópias de microfilmes que obtém de outras coleções, mas ainda potencialmente todos os textos pertinentes às bibliotecas públicas do mundo. Dirige, para fins de museu, tantos belos livros manuscritos ilustrados, encadernações artísticas e outras raridades quantas pode reunir em sua própria instituição, onde pessoas instruídas e capazes as admiram e aproveitam. Numa sociedade, como a nossa, seria temerário dizer qual dêsses propósitos é mais importante.